

Ruídos da política: experiências de acolhimento e relações de proximidade nas rodas de samba do Quilombo do Grotão – RJ

Noises of politics: welcoming experiences and close relationships in “rodas de samba” at Quilombo do Grotão – RJ

YOLANDA GAFFRÉE RIBEIRO

RESUMO

Neste artigo, proponho analisar a relação entre as expressões públicas de caráter político e as práticas de sociabilidade ligadas à música, em especial ao samba, durante as rodas de samba no Quilombo do Grotão, localizado em Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro. Busco considerar as experiências de acolhimento dos visitantes, chamando atenção para a relevância atribuída às relações de proximidade e familiaridade, mas também às práticas comerciais e os engajamentos em torno de uma ordem de grandeza cívica, considerando as demandas de

direitos dos moradores. Sugiro, então, que os atos discursivos e as performances de cunho político são colocados à prova das práticas de sociabilidade observadas nesse ambiente festivo, levando a uma postura ora de aproximação, ora de “evitação” da política e dos conteúdos discursivos a ela associados.

Palavras-chave: Evitação da política; Sociabilidades urbanas; Rodas de samba; Rio de Janeiro; Etnografia.

ABSTRACT

In this article, I propose to analyze the relationship between politic public expression and sociability practices linked to music, especially samba, during the “rodas de samba” in Quilombo do Grotão, located in Niterói, metropolitan area of Rio de Janeiro. I propose considers the experiences of welcoming visitors, drawing attention to relevance given to relations of proximity and familiarity, but also to commercial practices and engagements around a civic order, considering the demands of the rights by residents. I suggest, then, that the discursive acts and performances of a political character are proof of the sociability practices observed in this festive environment, leading to a posture or of approximation or of “avoiding” politics and the discursive contents associated with it.

Key words: Avoiding politics; Urban sociabilities; Rodas de samba; Rio de Janeiro; Ethnography.

“HISTÓRIAS PARA NINAR GENTE GRANDE”

Trinta de março de 2019. Quinze dias após o término oficial dos festejos carnavalescos, as rodas de samba na região metropolitana do Rio de Janeiro continuaram movimentadas. No quilombo do Grotão, em Niterói, cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro, o preparo para o samba e a feijoada acompanhou a expectativa de casa cheia. Afinal, o clima efervescente do período carnavalesco, próprio desse ritual nacional (DAMATTA, 1997), foi somado à realização de um “samba da comunidade”, dias nos quais o Quilombo chegava a receber 300 pessoas em uma tarde. Em minhas anotações de campo, observei:

O samba estava cheio, as pessoas alegres, algumas dançavam, cantando músicas em coro (...) todas as mesas estavam ocupadas, mas foi possível circular sem grandes dificuldades pelo espaço (200 pessoas, talvez). (RIBEIRO, 2019b).

No cartaz de divulgação do evento (figura 1), publicado no Facebook do Grotão, lia-se: “Samba da comunidade do Quilombo do Grotão”¹ e “Homenagem ao Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial”. Apareciam, em destaque, as imagens de Zumbi dos Palmares, Nelson Mandela, Marielle Franco² e Dandara dos Palmares. Logo abaixo, uma foto apresentava como “convidado especial” Deivid Domênico, um dos compositores do samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira, a campeã do carnaval carioca daquele ano. Havia, ainda, uma foto do desfile de carnaval, destacando a bandeira do Brasil com as cores da escola e um trecho da letra da música. Mesmo sem figurar no *folder* de divulgação, o texto que o acompanhou nas redes sociais mencionava que seria feita uma “homenagem à Deputada Federal Talíria Petrone”³.

¹ No decorrer do texto, utilizarei as palavras em itálico para marcar os conceitos e para enfatizar certas ideias. Colocarei entre aspas as falas e citações diretas (desde que ocupem menos de três linhas), além das categorias nativas. Nota da edição: estrangeirismos também são grafados em itálico na versão editada.

² Marielle Franco, então vereadora na cidade do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (Psol) e defensora dos direitos humanos, foi assassinada a tiros, junto com Anderson Gomes, seu motorista, no dia 14 de março de 2018. A investigação do caso ainda não foi concluída, gerando um clamor quanto a identificação dos responsáveis pelo crime.

³ Talíria Petrone exerce, atualmente, o cargo de deputada federal pelo Rio de Janeiro (Partido Socialismo e Liberdade - Psol), tendo sido eleita vereadora em Niterói pelo mesmo partido em 2016.

Figura 1: Cartaz de divulgação do “samba da comunidade”.



Fonte: <https://www.facebook.com/quilombodogrotao>. Acessado em 03 out. 2020.

Esses elementos estéticos e mensagens alusivas ao samba no Quilombo do Grotão contribuem para pensar, tal como busco desenvolver ao longo do texto, as tensões que envolvem expressões de discursos e performances de caráter político, considerando as práticas de sociabilidade ligadas à música, em especial o samba, e às moralidades que acompanham os diferentes usos e apropriações do espaço, observadas, principalmente,

durante os “sambas da comunidade” no Grotão⁴. Nesse sentido, os fatos etnográficos (PEIRANO, 2014) têm sido construídos a partir do trabalho de campo realizado em 2018 e 2019, ao longo do qual pude acompanhar as rodas de samba e alguns dos seus bastidores. Em 2020 e 2021, a pesquisa continuou, desta vez por meio de conversas e entrevistas feitas de forma remota, incluindo a minha atuação junto ao “Ponto de Cultura Tradicional do Quilombo do Grotão”. Depois disso, fiz algumas visitas ao local, que tem funcionado, desde dezembro de 2020, exclusivamente como restaurante⁵.

Cabe salientar, então, como chama atenção Howard Becker (2008) e, antes dele, John Dewey (2008), que as atividades artísticas não estão dissociadas das práticas cotidianas. No Brasil, um dos trabalhos pioneiros que busca refletir sobre as implicações políticas dos rituais festivos é o de Roberto Da Matta (1997). Para este autor, as “festas” são eventos situados para além do dia a dia repetitivo e rotineiro da vida cotidiana, dotados de potencial aglutinador de pessoas e grupos sociais e que acompanham, no entanto, certa previsibilidade e regularidade para acontecer (DA MATTA, 1997; TURNER, 2015). Com relação à noção de política mobilizada, ainda que de modo não exaustivo, refiro-me a um vocabulário reivindicativo, relacionado às condições de acesso aos bens e recursos públicos, incluindo a adoção de uma *gramática cívica* e concepções de justiça que colocam como horizonte de possibilidade o acesso a direitos⁶.

⁴ Os “sambas da comunidade” aconteciam no último sábado de cada mês, com entrada gratuita. Em cada domingo do mês, eram realizadas outras rodas de samba, com características próprias e cobrança de *convirt* artístico de 20 reais. São elas: “samba de fé”, com o músico André Jamaica e o grupo “família quilombo”; “samba entre amigos”, com Carlinhos Sete Cordas e convidados; “saudação aos tambores”, com Mingo Silva e convidados; e o “mulheres do samba”, que apresenta uma “roda de samba feita só por mulheres”. Ainda que haja especificidades, os instrumentos predominantes nas rodas de samba são: cavaquinho, violão e violão de sete cordas (em algumas delas), pandeiro, tamborim, surdo, caixa, repinique, tan-tan, chocalho, atabaque e agogô, esses dois últimos estes últimos em algumas rodas e, unanimemente, o canto.

⁵ As rodas de samba deixaram de acontecer em meados de abril de 2020, devido a decreto municipal que estabeleceu medidas restritivas no contexto da pandemia do Covid-19. Desde então, as atividades musicais não voltaram a acontecer.

⁶ Ainda que não esteja no escopo deste artigo, parece-me importante, a partir de uma postura antropológica, atentar para a concepção de política formulada pelos próprios visitantes das rodas de samba e pelos moradores do Grotão. Nesse sentido, é possível dizer que a noção de política aportada, em termos de um vocabulário reivindicativo, dialoga com as práticas políticas observadas, ao menos no caso dos moradores e dos músicos que organizam as atividades artísticas descritas. Para os primeiros, os investimentos em torno de uma identidade quilombola sustentam demandas de direitos, sobretudo de acesso à terra em que vivem, ao longo de gerações. Para eles e para os músicos parceiros, as reivindicações de acesso ao espaço público incluem, ainda, discursos e práticas que buscam valorizar a produção artística e cultural da população negra e visam dirimir o racismo e o preconceito às religiões afro-brasileiras.

Destaca-se, ainda, uma segunda concepção de política, desta vez mais abrangente, tal como proposta por Bruno Latour (2019), para o qual a política pode ser entendida como “composição progressiva do mundo comum” (2019). Ainda, a partir da leitura da socióloga Jussara Freire (2016), a *atividade política* será definida como “aquela por meio da qual se vocaliza o que parecia antes mero ruído” (2016, p. 30). A autora enfatiza, então, o esforço de publicização de uma causa, ou a formulação de um problema público, tomando emprestado o conceito de arenas públicas (CEFAÏ, 2002; FREIRE, 2013; 2016), ao mesmo tempo que chama atenção para as variações de acesso ao espaço público e de vocalização, incluindo as situações em que não é possível um horizonte de contestação (FREIRE, 2016).

Nesse sentido, as rodas de samba no Quilombo do Grotão são entendidas, aqui, em termos de cenas públicas que compõem “arenas de publicização” e acompanham gramáticas políticas em torno das demandas de direitos de comunidades remanescentes de quilombo no Brasil, as quais perpassam tradições jurídicas, práticas estatais, performances públicas e políticas de reconhecimento (ver LOBÃO, 2010; MOTA, 2014; O'DWYER, 2002; RIBEIRO, 2017a e 2017b). Tais festividades são momentos significativos de abertura do lugar a públicos variados, apresentando situações de disputa, controvérsias e conflitos que envolvem a vocalização de pautas reivindicativas ligadas às demandas de direitos dos moradores e que envolvem atividades musicais, práticas de lazer e comércio, além de relações de parentesco e vizinhança.

No dia mencionado, Deivid Domenico se apresentou junto ao grupo “família quilombo”, entoando canções como “Minha fé”, gravada por Zeca Pagodinho, “Tristeza”, com Beth Carvalho, e o “Hino de exaltação à Mangueira”, composta e gravada por Chico Buarque, entre outras. Em seguida, levou à frente o samba-enredo campeão: “Histórias para ninar gente grande”. As pessoas ocuparam por completo o espaço ao redor dos músicos, muitas delas munidas de celulares que filmavam e fotografavam a *performance* musical, dançando e cantando em coro a letra da música. Esse momento foi, sem dúvida, o ápice da festa. Não por menos, pois tanto a letra como o enredo e a melodia do samba se tornaram um verdadeiro sucesso do carnaval. Isso se deve a sua ampla divulgação nas mídias televisivas, escritas e nas redes sociais, mas também porque a música acabou por se tornar um “hino”, tanto por suas qualidades artísticas intrínsecas, como (quem sabe,

principalmente) por vocalizar uma forte crítica social⁷. A apresentação, iniciada com músicas de arranjos mais lentos, passando para outros mais acelerados, permeou títulos conhecidos pelo público versado no *mundo*⁸ do samba e, também, ligados à história da escola de samba homenageada, criando um movimento rítmico crescente. Com isso, acelerou-se não apenas a pulsão sonora, mas também o envolvimento corporal dos participantes (conforme figura 2), abrindo espaço, em seguida, para que o músico iniciasse a sua fala.

Figura 02: Foto da roda de samba com destaque dado à escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Foto de Marcelus Cezar Fernandes Silva, em 30/03/2019.



Ainda em meio ao *frenesi* que reverberava os movimentos de dança e coro, Domenico passou a exaltar a “energia” do público. Ao tomar a palavra, dirigiu-se à plateia para “convidar a todos” para participar das atividades de “des-comemoração” do golpe

⁷ Reproduzo, aqui a letra da música: “Mangueira, tira a poeira dos porões/Ô, abre alas pros teus heróis de barracões/Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões/São verde e rosa, as multidões/Mangueira, tira a poeira dos porões/Ô, abre alas pros teus heróis de barracões/Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões/São verde e rosa, as multidões/Brasil, meu nego/Deixa eu te contar/A história que a história não conta/O avesso do mesmo lugar/Na luta é que a gente se encontra/Brasil, meu denogo/A Mangueira chegou/Com versos que o livro apagou/Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento/Tem sangue retinto pisado/Atrás do herói emoldurado/Mulheres, tamoios, mulatos/Eu quero um país que não está no retrato/Brasil, o teu nome é Dandara/E a tua cara é de cariri/Não veio do céu/Nem das mãos de Isabel/A liberdade é um dragão no mar de Aracati/Salve os caboclos de julho/Quem foi de aço nos anos de chumbo/Brasil, chegou a vez/De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”.

⁸ No sentido atribuído por Howard Becker (2008).

militar deflagrado em 1964 no Brasil, fazendo referência aos atos organizados em repúdio a esta *página infeliz da nossa história*, mas também em contraponto às atividades que visavam “comemorar” a data”⁹. Em seguida a sua fala, parte do público entoou em coro: “Ele não, ele não, ele não”, expressão largamente utilizada em manifestações contrárias ao atual presidente do país, Jair Bolsonaro (sem partido). No entanto, a maioria das pessoas não aderiu ao protesto, que logo se dissipou. É possível dizer, inclusive, que o coro ficou restrito a um grupo de pessoas, principalmente de mulheres, que o mantiveram ainda durante alguns minutos.

A situação acima descrita é significativa, a meu ver, dos modos pelos quais os frequentadores das rodas de samba do Quilombo do Grotão lidam com a adoção de discursos e posturas que envolvem expressões de caráter político. Considero, nesse momento, a noção de política tal qual mencionada anteriormente, qual seja: como parte de um vocabulário reivindicativo relacionado às condições de acesso aos bens e recursos públicos, incluindo a adoção de uma *gramática cívica* e concepções de justiça que colocam como horizonte de possibilidades o acesso a direitos. Não apenas nessa ocasião, mas em outras situações de falas públicas, das quais alguns moradores tomavam parte, versando sobre causas como “defesa do meio ambiente”, “luta das populações tradicionais”; “direitos da população negra e afrodescendente” ou “combate à discriminação e ao racismo” etc., era notável que grande parte das pessoas começava a circular pelo espaço, tomando distância da situação e demonstrando desinteresse face ao conteúdo da fala e ao locutor que tomava a palavra.

Sem desconsiderar o potencial de visibilidade que as rodas de samba promovem, passou a chamar minha atenção a indiferença de boa parte do público a esses momentos de falas e debates públicos promovidos pelos moradores, ainda que fosse também significativo que outras pessoas demonstrassem interesse nos assuntos mencionados. Ao mesmo tempo em que parte do público demonstrou apoio às falas do artista, engajando-se em outra forma de expressão contestatória face ao recém-eleito presidente da República, muitos frequentadores se distanciaram, a ponto de esvaziar o salão, até então lotado de pessoas. Foi possível observar, então, uma postura de desatenção em relação a essas situações de expressão discursiva, tal como levadas à frente pelos moradores que são, também,

⁹ Em 2019, os atos que já ocorriam em anos anteriores nos quartéis militares ganharam repercussão, após as declarações do recém-eleito presidente da república, Jair Bolsonaro (sem partido), incentivando a “comemoração” da data. (VEJA, 2019). Sobre os atos de “descomemoração”, ver: <http://midianinja.org/news/ditadura-nunca-mais-confira-agenda-de-atos-contra-a-ditadura/>. Acessado em 10/09/2019.

promotores das atividades festivas e musicais e seus parceiros políticos, o que pude observar em diversas circunstâncias nas quais pautas *cívicas* eram publicizadas durante as festividades. Tais momentos me remetiam a um movimento de “evitação da política” (ELIASOPH, 2003), o que colocava o meu objeto de estudo, qual seja, a relação entre arte e política, sob uma nova perspectiva, motivada pelo exercício etnográfico em curso.

Nesse sentido, a atividade musical, ao se aproximar de uma pauta política, pode orientar a generalização de uma causa ou a vocalização de uma demanda por direitos, se considerarmos, por exemplo, a letra do samba-enredo mencionado, cuja referência ao nome de Marielle Franco e ao período ditatorial recente no Brasil é significativa. Ainda, tal composição pode ser interpretada como uma demanda de reparação histórica que pretende contar a história do Brasil “pelo avesso”, ou seja, valorizando personagens históricas negras, oprimidas e silenciadas. Isso pode ser observado não apenas no caso do samba-enredo da Mangueira, mas também nas referências construídas para a divulgação do samba no Quilombo do Grotão e nas palavras do músico convidado. No entanto, a adesão a essas formulações públicas durante as rodas de samba pode ser entendida como dissonante.

Em outro momento, no dia 20 de novembro de 2018, quando cheguei ao samba sem ter participado dos debates anteriores sobre o Dia da Consciência Negra, escutei de uma pessoa que saía do lugar enquanto eu chegava: “têm pessoas que *só* chegam para o samba *mesmo*”. Apesar de essa fala ser significativa para pensar as questões aqui apresentadas, não se trata apenas de um marco temporal que separa as atividades políticas das atividades musicais. Ao contrário, os atos que demarcam um conteúdo político e discursivo *durante* as rodas de samba, como busquei descrever, são momentos privilegiados para a expressão de inquietações, constrangimentos e para o surgimento de conflitos, abrindo espaço para pensar as moralidades que acompanham as práticas de sociabilidade durante as rodas de samba. Sugiro, então, que os atos discursivos e *performances* de caráter político, tomando este último no sentido mais específico aqui trabalhado, são colocados à prova das práticas de sociabilidade observadas durante as rodas de samba no Quilombo do Grotão.

Nesse sentido, cabe destacar as experiências de acolhimento (*hospitalité*) (THÉVENOT E KAREVA, 2009), ligadas aos regimes de envolvimento (THÉVENOT, 2006), que aparecem durante tais atividades festivas e musicais e, ainda, os conflitos e moralidades que acompanham os diferentes usos do espaço. As inquietações, controvérsias e conflitos que observei durante o trabalho de campo são significativos da pluralidade de

concepções que informam a presença e as interações durante os sambas. É possível notar, por exemplo, a existência de um regime de *ordem mercantil*, quando os visitantes e frequentadores do quilombo passam a ser lidos pelos moradores como “clientes” de um estabelecimento comercial. Há, nesse sentido, uma dimensão financeira importante para a realização das rodas de samba, nas quais a circulação monetária acompanha intensa movimentação de pessoas. A venda do artesanato e de doces que contribui para complementar a renda dos moradores e a comercialização da feijoada, prato principal do lugar, têm aumento considerável nos dias de samba, se comparadas às ocasiões em que a casa funciona apenas como restaurante.

Há de se considerar, ainda, a relevância atribuída às relações de proximidade que marcam as experiências de acolhimento dos visitantes, dotando de importância um *regime de familiaridade* (THÉVENOT, 1994, 2006) com o lugar e as pessoas. Junto a isso, os momentos de expressão política evocam uma grandeza de *ordem cívica* (BOLTANSKI E THÉVENOT, 1991; THÉVENOT, 2006). Ao retomar a noção de *grandeza cívica* dos autores mencionados e, ao mesmo tempo, abordar a temática do reconhecimento, tomo como inspiração o trabalho do antropólogo Luís Roberto Cardoso de Oliveira (2002) para enfatizar a relação entre a discussão sobre direitos e o exercício de cidadania na vida cotidiana (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002), considerando a relação entre a dimensão legal e moral dos direitos. Não é fortuito dizer, então, que as demandas por direitos dos moradores do Grotão se inscrevem em arenas que acompanham, como dito acima, a mobilização de gramáticas políticas e jurídicas, performances públicas e políticas de reconhecimento de comunidades quilombolas no Brasil (RIBEIRO, 2017b).

Como veremos a seguir, as demandas por direitos e as políticas de reconhecimento no Quilombo do Grotão não se distinguem das parcerias políticas firmadas pelos moradores, ao mesmo tempo que remontam ao início das atividades musicais e culinárias ali realizadas. Nesse sentido as rodas de samba compõem um repertório interessante para pensar o papel da música e da dança nas experiências de acolhimento e como parte das práticas políticas, mas também de sociabilidade aqui analisadas.

DESDE QUE O SAMBA É SAMBA

Não parece fortuito mencionar a relação estabelecida pelos moradores entre o início da venda da feijoada e, em seguida, a realização de atividades musicais e o intuito de angariar recursos para a criação da Associação das Comunidades Tradicionais do Engenho

do Mato (Acotem), em 2003. A formação de uma associação, com registro de pessoa jurídica, foi, então, um condicionante para que integrassem o conselho deliberativo do Parque Estadual da Serra da Tiririca (Peset), em meio a um intenso conflito fundiário que ameaçava os moradores de expulsão do lugar em que vivem há, pelo menos, 80 anos (ver GUARDIOLA, 2019; PÉLAEZ, 2016; RIBEIRO, 2019). Diante de um formato “participativo” e “associativo” que pode ser pensado como “compulsório” (LOBÃO, 2010), implicando o uso de nomenclaturas alheias aos modos de vida local, tais como assembleias, atas e registros, foram mobilizadas relações de parentesco, amizade e vizinhança, além de parcerias políticas mais amplas. Os moradores começaram, então, a comercializar a feijoada, feita a lenha, e, em seguida, a organizar as primeiras rodas de samba e choro, com a participação do grupo “Choro Malandro”. Este mesmo conjunto já se apresentava na casa de samba “Coisas da antiga”, localizada em Itaipu, bairro próximo. Era ali que Renatão, importante liderança do Quilombo, trabalhava como segurança e mantinha relações de amizade com os músicos e com os donos do referido estabelecimento musical.

Ainda nos anos 2000, com o aumento do público durante as atividades musicais, tiveram início os primeiros “sambas da comunidade”, com entrada gratuita, uma vez ao mês, sendo mantida a venda da feijoada. A continuidade dos sambas, nesse primeiro momento, foi apoiada por parlamentares ligados ao Partido Socialismo e Liberdade (Psol), ao mesmo tempo em que estes estiveram engajados na elaboração de projetos de lei e com atuação que favorecesse a permanência dos moradores no local, face aos conflitos fundiários advindos com a criação do Peset. O apoio rendeu parcerias políticas e levou a filiação de Renato ao partido¹⁰. No entanto, é possível dizer que, desde a realização das primeiras rodas de samba, houve um esforço de autonomização frente aos apoiadores iniciais, sem o rompimento de parcerias políticas.

Desse modo, mesmo que não haja elementos visuais que notabilizem o vínculo do espaço com a sigla partidária, Renatão continua sendo uma figura pública vinculada ao Psol. Ainda, durante os intervalos dos “sambas da comunidade” era frequente a entrega de homenagens e títulos honoríficos a figuras públicas e parceiros políticos. Como busquei

¹⁰ Renatão do Quilombo, como passou a ser conhecido publicamente, candidatou-se ao cargo de vereador em Niterói em três pleitos eleitorais, foi suplente de um mandato e, por alguns meses, chegou a ocupar o cargo na Câmara Municipal da cidade. Optei por manter o seu nome verdadeiro, assim como de outras figuras públicas que aparecem ao longo do texto. Os demais interlocutores serão apresentados com nomes fictícios, de modo a preservar o seu anonimato.

desenvolver em outro lugar (RIBEIRO, 2019), este ato público que envolve dar e receber a “medalha Manoel Bonfim” e cuja referência ao nome do patriarca da família merece ser notada, pode ser pensado como um ritual de deferência (GOFFMAN, 2012). Assim, são expressas formas particulares de estima e compromisso entre os moradores do quilombo e aqueles contemplados com a homenagem (RIBEIRO,2019).

Figura 03: Homenagem a Luiz Sacopã, músico e ex-presidente da Associação de Comunidades Remanescentes de Quilombo do Rio de Janeiro (ACQUILERJ) e liderança do Quilombo Sacopã, localizado na cidade do Rio. Foto da autora, em 26/11/2016.



Figura 04: Luiz Sacopã cantando junto ao grupo “Família quilombo”. Foto da autora, em 26/11/2016.



Por outro lado, nesse esforço de apresentação do lugar como uma “casa de samba”, sem vinculação direta com a figura do partido ou mesmo com questões de ordem cívica, é fundamental a parceria com os músicos, em sua maioria profissionais, ou seja, que tem a música como ocupação principal. Ainda que as rodas de samba tenham sido interrompidas, devido ao avanço da pandemia de Covid-19, esses artistas mantêm relações com os moradores, se aproximando do quilombo após frequentarem o espaço, ou sendo chamados por outros músicos que ali já se apresentavam. Constroem, assim, relações de amizade e confiança, principalmente com Renato. Ao mesmo tempo que o Quilombo dota de visibilidade o trabalho de artistas iniciantes, recebe também músicos consolidados, como Carlinhos Sete Cordas, Pretinho da Serrinha e Moacyr Luz.

Os frequentadores, por sua vez, são pessoas brancas ou negras de estratos de classe média urbana que moram, principalmente, em Niterói, Rio de Janeiro, Itaboraí, Maricá e São Gonçalo, municípios da região metropolitana fluminense e limítrofes ao município de Niterói. As atividades musicais, divulgadas em redes sociais, principalmente pelo Facebook, consolidaram o quilombo como um espaço de lazer para os frequentadores. Muitos deles conheceram o lugar ao serem convidados por amigos, outros frequentavam o espaço desde o início da comercialização da feijoada e da realização das rodas de samba. A ampliação das

atividades musicais pode ser entendida, em parte, com relação aos modos de circulação e mobilidade em meio urbano, passando a fazer parte do que Magnani (2014) chamou de *circuitos* de lazer na cidade, neste caso, abrangentes da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Tal como proposto por esse mesmo autor, a noção de circuito como categoria analítica vai além de um sentido puramente descritivo e enumerativo de práticas específicas (MAGNANI, 2010; 2014), estando associada a outras noções como *pedaço*, *trajeto* e *mancha* (MAGNANI, 2014). O *pedaço*, entendido como um espaço intermediário entre o espaço público (rua) e privado (casa), abrange sociabilidades em torno de determinadas práticas, gostos e símbolos, enquanto a noção de *mancha* recobre uma quantidade mais diversificada de frequentadores. Ou seja, ainda que se mantenha um padrão de gosto e consumo, não se sabe ao certo o que e quem se vai encontrar (2014). Nesse sentido, chamo atenção para a potencialidade de analisar as rodas de samba como momentos significativos de abertura do lugar a um público variado e, ao mesmo tempo, considerar a ênfase dada às relações de proximidade e intimidade no âmbito das experiências de acolhimento dos visitantes, assim como a importância de práticas comerciais e a apresentação de atos discursivos e expressivos ligados às questões de ordem cívica.

O MAL-ESTAR NA POLÍTICA

É interessante notar que a recusa, ou certo mal-estar, diante das expressões de caráter político, principalmente por parte dos visitantes do Quilombo do Grotão, leva a pensar como a própria ideia de política pode ser concebida como algo que deve ser evitado, a partir de moralidades que acompanham as interações observadas e os usos entendidos como (in)adequados do espaço. Por outro lado, a postura de “evitação da política” — ou, ao menos, do seu conteúdo reivindicativo — também acompanha, de algum modo, a evitação de um conflito explícito durante as rodas de samba. Um ponto de contraste interessante, aqui, foi o que ocorreu no bar Bip-Bip, importante reduto da música brasileira, localizado em Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Como foi amplamente noticiado em jornais de grande circulação, um policial rodoviário federal que estava no bar à paisana questionou a homenagem feita à vereadora Marielle Franco e interrompeu o minuto de silêncio solicitado por Alfredinho, dono do estabelecimento musical (QUEIROGA & FERRO, 2021). Com isso, houve tumulto entre os presentes, fazendo com que o agente público saísse do local, ao qual retornou, minutos depois, munido de

uma arma. A querela terminou com o Alfredinho, um senhor de 74 anos, sendo levado à delegacia para prestar esclarecimentos como testemunha do acontecimento. Essa situação se apresenta como significativa da exacerbação de um conflito que parece ser, no Quilombo do Grotão, a todo momento evitado.

São muitas as variáveis que podem ser consideradas para dar conta de um cenário complexo como este. No entanto, proponho alguns apontamentos, a partir do trabalho de campo realizado, o que inclui a observação sistemática das rodas de samba e a interlocução com os moradores e alguns frequentadores. Nesse sentido, retomo a proposta de Radcliffe-Brown (1974a; 1974b) acerca das “relações de evitação”, as quais estabelecem uma condição relativamente estável de alianças, combinando relações de dissociação e associação entre grupos distintos (ver COMERFORD, 2003). Como sugere este último autor, ao colocar “entre parênteses” a perspectiva generalizante de Radcliffe-Brown, é possível considerar, em termos situacionais e contextuais, as diferentes modalidades de participação nesse tipo de interação (2003).

Desse modo, a postura de “evitação da política”, combinada a “evitação do conflito” no Quilombo do Grotão, nos leva a pensar acerca da importância das relações de proximidade que os visitantes estabelecem com o lugar e com os moradores. Nesse sentido, os visitantes fazem questão de dizer e demonstrar que conhecem os moradores, os cumprimentando pelo nome e enfatizando a antiguidade desta relação: “Eu venho aqui há dez anos”; “frequento desde quando começou”; “conheço a Luiza e o Renato há muitos anos”; “eu brincava com o Renato quando éramos crianças”. Com isso, nota-se a relevância de um *regime de familiaridade* (THÉVENOT, 2006) para considerar as interações durante as rodas de samba no Quilombo do Grotão. É interessante notar, então, que este *regime de envolvimento* se caracteriza pela valorização das experiências de proximidade com o mundo envolvente, implicando ajustamentos corporais e íntimos, cuja linguagem não exige o uso da palavra ou formatos argumentativos (2006).

Ainda que os visitantes se dirijam ao Quilombo partindo de diferentes cidades da região metropolitana, entre as quais Niterói, Rio de Janeiro, Maricá e São Gonçalo, foi possível observar que eles estabelecem relações anteriores com o lugar e as pessoas, seja como antigos moradores do bairro onde se localiza o Grotão, ou mesmo por terem sido levados ao lugar por intermédio de amigos e familiares. Esses aspectos o distinguem, em parte, de um bar como o Bip-Bip, localizado em um conhecido bairro turístico da capital carioca, cuja intensa circulação de pessoas deve ser considerada para pensar a relação mais

ou menos próxima entre os visitantes e o lugar. Por outro lado, o conteúdo marcadamente político do bar de Alfredinho, com suas personagens artísticas fortemente engajadas em pautas contestatórias, são aspectos a se considerar no argumento aqui levantado.

No caso do Grotão, a ênfase em um regime de proximidade e familiaridade pode ser lida a partir da valorização de um círculo de proximidade restrita (ELIASOPH, 2003) que “evita” tanto o conflito explícito, como a vocalização das pautas reivindicativas apresentadas pelos moradores. No entanto, há momentos em que a explicitação de conflitos e a expressão de incômodos é significativa, sobretudo quando são considerados assuntos que adotam uma perspectiva político partidária.

Nesse sentido, é significativa a ocasião em que uma senhora e uma moça, a certa altura, em meio a roda do “samba das mulheres” “”, levantaram uma faixa amarela com os dizeres “Lula Livre”¹¹. Nesse momento, eu e mais dois colegas observávamos logo atrás dos músicos, em uma parte mais baixa, as duas mulheres que dançavam animadamente com a faixa levantada, em meio à roda de samba. Nesse meio tempo, um grupo de um homem e duas mulheres, sentado em uma mesa próxima a nós, levantou-se para observar, demonstrando visível incômodo e inquietação. Eles mexiam a cabeça em tom de negativa, o rapaz chegou a bater na mesa, e eu pude escutar: “não é possível”. Os três, por sua vez, continuaram no espaço. O rapaz ficou bebendo cerveja na mesa e as duas moças foram para uma área mais afastada e pude vê-las fumando cigarros. Enquanto isso, quando uma das mulheres começou a circular pelo espaço, com a tal faixa, foi possível escutar, entre outras coisas, as pessoas dizendo: “eu quero que o Lula fique preso”. A certa altura, a mulher que exibia a faixa chegou perto de nós, dirigiu-se a uma das moradoras e disse: “É a faixa amarela; pega a faixa, Luiza” — com a intenção, talvez, de que Luiza virasse para o público mais numeroso da roda de samba. Um pouco relutante, Luiza pega a faixa, mas a estica para o outro lado, tanto menos cheio quanto menos central, em termos da festa, onde se localiza parte das mesas. A mulher tira algumas fotos, fecha a faixa e volta animada para a roda de samba.

¹¹ O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, eleito pelo Partido dos Trabalhadores (PT) por dois mandatos consecutivos como chefe do executivo federal (2003-2011), foi preso no dia 07 de abril de 2018, após condenação em segunda instância, no âmbito da operação judicial “Operação Lava Jato”. Esta “passa pela prisão de grandes figurões da política e do empresariado brasileiro, batalhas judiciais, performances midiáticas e até pela morte de um ministro do Supremo Tribunal Federal” (El País, 15/10/2018). Logo após ter sido decretada a prisão do ex-presidente, teve início o movimento “Lula Livre”, em que são questionados a lisura deste processo judicial específico e, mesmo, os procedimentos da operação como um todo, reivindicando a soltura do político.

Figura 05: Roda do “samba das mulheres”, momento em que foi levantada a faixa com os dizeres “Lula Livre”. Foto de Marcelus Cezar Fernandes Silva, em 26/05/2019.



Essa situação nos mostra, então, o incômodo apresentado por alguns visitantes com relação à expressão não apenas de um vínculo político-partidário, mas sobretudo à exaltação do *slogan* Lula Livre. Nesse sentido, a figura do ex-presidente tensiona, de forma bastante significativa, as emoções relativas ao debate político no Brasil. Por outro lado, é interessante notar a postura da moça que carrega consigo a faixa, dirigindo-se a uma moradora pelo nome e pedindo que ela estendesse o artefato simbólico, de modo, inclusive, bastante insistente. Ao mesmo tempo, é evidente a reticência e certa recusa da moradora quanto a se posicionar publicamente com o objeto, ainda que ela demonstre, em outras ocasiões, proximidade com o campo político de esquerda. Assim, ao mesmo tempo que muitos dos visitantes evitam momentos relacionados às questões de ordem cívica, demonstrando especial incômodo com a situação descrita, é significativo o relativo afastamento quanto à expressão de vínculos político-partidários pelos próprios moradores. Tal movimento pode ser pensado, por exemplo, na apresentação do lugar como uma casa de samba, sem vinculação direta com questões de ordem política ou com a figura do partido, como vimos anteriormente.

Nesse sentido, retomo a entrevista com uma frequentadora do Quilombo, uma jovem doutoranda na área de patrimônio, cujo foco de pesquisa, em suas palavras, é a “perspectiva de gênero e a epistemologia das mulheres negras e afroindígenas” e, atualmente, residente na Bahia. Em nossa conversa, eu mencionei a percepção de uma tentativa de separação entre a dimensão política e a realização das rodas de sambas no Grotão. Essa interlocutora (a quem nos referimos aqui pelo nome fictício Ana), ao mesmo tempo que concordou com a colocação, fez algumas considerações pertinentes de serem levantadas. Em suas palavras:

Sim...e eu acho que é importante que eles pensem em adotar o samba como uma prática empreendedora, algo de suma importância para a sobrevivência do lugar. Se focar só nessa questão política, eles não têm como sobreviver. E eu acho que o Renato foi muito inteligente e ele também está *aberto para a diferença*. Isso é um diferencial que favorece a manutenção do espaço. Eu acho que é muito importante também que tenha esse público, porque *o diálogo é com as diferenças (...)*. Ao adotar esta medida, a direção também está preocupada com a questão política porque está assegurando a sobrevivência material da comunidade. *Saco vazio não fica em pé*, então, *são estratégias históricas que a negritude desenvolve dentro do sistema para sobreviver*. Foi assim no sincretismo e agora no sistema econômico. (ANA, 2021¹²)

Nesse trecho da entrevista, Ana formula uma interpretação acerca do relativo distanciamento entre a atividade musical e a política no Quilombo do Grotão. Para ela, a realização das rodas de samba constitui uma “prática empreendedora”, e dissociá-la de uma prática política em sentido estrito é, em si, uma estratégia ... “política”. Com isso, ela define a organização das festividades como um modo de fazer política que se aproxima daquilo que Latour sugere como sendo “composição progressiva do mundo comum” (LATOUR, 2019). Junto a isso, a interlocutora observa os efeitos desse movimento que, segundo ela, favorecem a “sobrevivência material da comunidade”, o que é relacionado, de modo mais amplo, às “estratégias históricas da negritude”.

A dimensão econômica enfatizada pela entrevistada, também mencionada anteriormente, se coaduna com a fala de Renatão, que, durante uma entrevista que fizemos em 2019, afirma: “é o samba que segura o Quilombo. O samba e a feijoada. O *samba atrai*, e a gente vende a feijoada (grifos meus)”. Não há dúvidas de que a viabilidade econômica garantida pelas rodas de samba é fundamental para os moradores. Não à toa, com a interrupção dessas atividades, devido à pandemia, a angústia relacionada à escassez de

¹² Entrevista realizada de forma online, em 05/05/2021. Grifos meus.

recursos fez-se notar entre meus interlocutores. Ainda é importante notar que as parcerias político-partidárias continuam se afirmando durante as festividades, por meio da entrega das medalhas e pela presença de parlamentares do Psol durante as rodas de samba. A dimensão política que caracteriza esses momentos como parte de arenas de publicização, relacionados às demandas de direitos dos moradores, acompanha, então, a presença de visitantes, que são, ao mesmo tempo, pesquisadores, técnicos de agências governamentais, ambientalistas, parlamentares, jornalistas, músicos, antigos e atuais moradores do bairro ou, simplesmente, admiradores do samba como estilo musical.

Assim, a abertura ao “diálogo” com as “diferenças”, tal como aparece na fala da entrevistada, nos leva a pensar a pluralidade de vozes e as moralidades que informam os usos do espaço e as interações durante as rodas de samba. É preciso dizer, de todo modo, que não há uma dissociação entre as atividades musicais e comerciais e o fazer político no quilombo, principalmente se pensarmos esse último como “composição de um mundo comum” (LATOURE, 2019 [1999]). A realização de “projetos” em parceria com os músicos profissionais mostra a ambivalência dessa relação e, ao mesmo tempo, a ambiguidade no tocante à ampliação do público, “atraído” pelo samba, o que acompanha ajustamentos a um regime de ordem mercantil na oferta de serviços. No entanto, as relações demarcadas por uma gramática de ordem mercantil não neutralizam vínculos de familiaridade, tampouco implicam relações impessoalizadas. Ao mesmo tempo que as narrativas dos frequentadores valorizavam vínculos de proximidade com as pessoas e o lugar, são atravessadas por práticas de lazer que recobrem uma dimensão de bem-estar, tal qual me diziam alguns visitantes: “aqui eu me sinto bem”, “depois de vir, eu fico renovado para começar a semana”.

Por outro lado, os discursos e as *performances* que mobilizam questões de *ordem cívica*, pautas reivindicativas ou, ainda, de caráter político partidário, são colocadas à prova das práticas de sociabilidades durante as rodas de samba no Quilombo do Grotão, levando à expressão de emoções e suscitando conflitos diante da pluralidade de perspectivas que acompanha tais atividades festivas em meio urbano. É possível notar, ainda, como a experiência musical e artística ora se aproxima, ora se distancia da atividade política, no sentido de vocalizar o ou não uma causa (FREIRE, 2016). Tal como mencionado por Ana, a interlocutora da qual falamos acima, a sua “conexão” com o samba não tem a ver com a sua “militância política”, a qual ela não se furta de sustentar, mas está muito mais relacionada à sua trajetória pessoal com esse estilo musical: “eu cresci sambando”.

Sem adentrar, por ora, os aspectos ligados às *trajetórias* e *trajetos* pessoais, reconhecendo a importância do tema para compreender as práticas de sociabilidade observadas, chamo atenção, como sugere o sociólogo Marc Breviglieri (2016), para o potencial de se pensar a dimensão do “habitar” na sua relação com o “descanso” e com os lugares de “viver junto”, os quais não estão situados, necessariamente, em termos de dinâmicas “participativas” e de engajamento em público em torno de causas (políticas). Mais do que isso, como sugere o autor: “O descanso não se sustenta tanto na ausência de participação do mundo significativo em público, mas na dinâmica de instalação do corpo em um mundo familiar” (BREVIGLIERI, 2016, p. 19). A dimensão do sensível e do familiar na ocupação do espaço e na relação com as atividades musicais ligadas ao samba coloca-se diante das dinâmicas de publicização de pautas reivindicativas e ideias de caráter político e, em alguns casos, partidário, ao mesmo tempo que tais dinâmicas são chamadas a fazer parte da vida, em meio às demandas de direitos e às políticas de reconhecimento em curso. Nesse caso, observar as emoções e moralidades que atravessam o “fazer político”, em ambos os sentidos trabalhados aqui, nos ajuda a pensar as relações de proximidade em um mundo plural.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard. (2008) [1982]. *Mundos da arte*. Ed: Livros Horizonte.

BOLTANSKI, Luc e THÉVENOT, Laurent. De la justification. Les économies de la grandeur. Paris: Gallimard, 1991.

BREVIGLIERI, Marc. (2016). Pensar a dignidade sem falar de linguagem da capacidade em agir: uma discussão crítica sobre o pragmatismo sociológico e a teoria do reconhecimento de Axel Honneth. Terceiro Milênio, Revista Crítica de Sociologia e Política, Campo dos Goytacazes, v. 6, n. 1, p. 11-34, jan.-jun. 2016. Disponível em : <https://revistaterceiromilenio.uenf.br/index.php/rtm/article/view/41/47>. Acesso em : 10 set. 2021.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis R. (2002). *Direito Legal e Insulto Moral. Dilemas da Cidadania no Brasil, Quebec e EUA*. Ed: Relume Dumará. Col: Antropologia da Política. Núcleo de Antropologia da Política (NUAP). Rio de Janeiro.

CEFAÏ, Daniel. (2002). Qu'est-ce qu'une arène publique? Quelques pistes dans une perspective pragmatiste. In: *L'heritage du pragmatisme conflits d'urbanite et epreuves de civisme*. Cefai, Daniel; JOSEPH, Isaac. La Tour d'Aigues, Editions de l'Aube.

COMERFORD, John. (2003). Como uma família. Sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: NuAP e Relume Dumará.

DA MATTA, Roberto. (1997). *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Ed: Rocco, Rio de Janeiro.

DEWEY, John. (2008) [1934]. El arte como experiencia. Ed: Paidós, Barcelona.

EILBAUM, Lucía; MEDEIROS, Flavia. (2016). “Onde está Juan?”: moralidades e sentidos de justiça na administração judicial de conflitos no Rio de Janeiro. *Anuário Antropológico*, Brasília, UnB, v. 41, n. 1: 9-33.

ELIASOPH, Nina. (2003) [1998]. *Avoiding Politics. How Americans Produce Apathy in Everyday Life*. Ed: Cambridge University Press, United Kingdom.

FREIRE, Jussara. (2016). *Problemas públicos e mobilizações coletivas em Nova Iguaçu*. Ed: Garamond, Rio de Janeiro.

FREIRE, Jussara. (2013). Uma caixa de ferramentas para a compreensão de públicos possíveis: um arranjo de sociologias pragmatistas. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 12, n. 36, pp. 720-736.

GOFFMAN, Erving. (2012). *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.

GUARDIOLA, Carolina Llanes; SANTOS, Thaís. (2019). “De fazenda a parque: o sítio Manoel Bonfim e a permanência familiar em uma área de proteção ambiental”. In: *Pensando o Rio*. Kant de Lima (et al, orgs). Niterói: Intertexto.

LATOUR, Bruno. 2019 [1999]. *Políticas da Natureza*. São Paulo: Ed. UNESP.

LOBÃO, Ronaldo. (2010). *Cosmologias políticas do neocolonialismo: como uma política pública pode se transformar em uma política do ressentimento*. Niterói: Editora da UFF.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. (2014). “O Circuito: proposta de delimitação da categoria”, *Ponto Urbe*. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2041>. Acesso em: 01 ago. 2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. (2010). Os circuitos dos jovens urbanos. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, vol. XX, pág. 13-38. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12475/14252>. Acesso em 10 ago. 2020.

MOTA, Fabio Reis. (2014). *Cidadãos em toda parte ou cidadãos à parte. Demandas de direitos e reconhecimento no Brasil e na França*. Rio de Janeiro: Ed. Consequência.

O'DWYER, Eliane Cantarino. (2002). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.

PÉLAEZ, Daniela Velásquez. (2016). *Nomeando o inominável: identidade, afirmação, atribuição e acoplamento no Quilombo do Grotão*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF.

PEIRANO, Mariza. (2014). Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

QUEIROGA, Louise; FERRO, Maurício. (2021). Vídeo mostra confusão no bar Bip Bip após homenagem a Marielle. Policial rodoviário federal diz que foi vítima de agressão, após questionar tributo. Rio de Janeiro: O Globo on-line, 19 mar. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/video-mostra-confusao-no-bar-bip-bip-apos-homenagem-marielle-22503617>. Acesso em: 20 abr. 2021.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. (1974a). Sobre las relaciones burlescas. Em *Estructura y Funcion en la Sociedad Primitiva*. Barcelona, Ediciones Península.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. (1974b). Nota adicional sobre las relaciones burlescas. Em *Estructura y Funcion en la Sociedad Primitiva*. Barcelona, Ediciones Península.

RIBEIRO, Yolanda Gaffrée. (2017a). Agentes políticos, especialistas e territórios de direitos: “os remanescentes de quilombo” no Rio de Janeiro e os “descendentes de imigrantes” em Paris. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF.

RIBEIRO, Yolanda Gaffrée. (2017b). Os limites da reforma agrária e as fronteiras religiosas: os dilemas dos remanescentes de quilombo do Imbé. Coleção: Conflitos, direitos e sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Consequência.

RIBEIRO, Yolanda Gaffrée. (2019). ‘Os momentos e seus públicos nas rodas de samba do Quilombo do Grotão/RJ’. In : [SYN]THESIS, Cadernos do Centro de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 38-46, jul./dez.

RIBEIRO, Yolanda Gaffrée. (2019b). Caderno de campo. Abril de 2019.

THÉVENOT, Laurent. (1994). Le regime de familiarite : Des choses en personnes. in: Genèses, n°17, septembre 1994, pp.72-101.

THÉVENOT, Laurent. (2006). *L’action au pluriel: sociologie des régimes d’engagement*. Paris : Éditions la découverte.

THÉVENOT, Laurent. (2009). KAREVA, Nina. “L’étonnant pain [wonderbread] de l’hospitalité : malentendus éclairant l’ouverture et la fermeture de la communauté”. Publié en russe dans la revue *Новое литературное обозрение*, n°100, pp. 678-701.

TURNER, Victor. (2015) [1982]. Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

VEJA. (2019). Bolsonaro quer comemoração do golpe de 1964 nos quartéis. Bolsonaro quer comemoração do golpe de 1964 nos quartéis. Generais sugerem cautela e pedem mensagem “suave” para evitar alarde e novo conflito político em meio às negociações da reforma da Previdência. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-quer-quarteis-comemorando-golpe-de-64-generais-sugerem-cautela/>. Acesso em: 10 set. 2019.

Yolanda Gaffrée Ribeiro

Bolsista de pós-doutorado da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), pesquisadora do Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas (Nufep) e do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos - INCT-InEAC.